

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS DA REDE MUNICIPAL DE PONTA GROSSA SOBRE UM ENSINO QUE PROMOVA O LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVES: WHAT TEACHERS IN PONTA GROSSA MUNICIPAL NETWORK SAY ABOUT A TEACHING THAT PROMOTES CRITICAL RACIAL LITERACY

Keila de Oliveira*

Aparecida de Jesus Ferreira**

RESUMO: O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado e tem por objetivo discutir sobre a importância do trabalho docente na (re)construção da identidade racial da criança, a partir do uso de práticas pedagógicas em uma perspectiva de Letramento Racial Crítico. As perguntas de pesquisa que responderemos são: As professoras conseguem perceber, por meio da escrita de narrativas autobiográficas, como que as crianças se identificam racialmente e reagem à identidade racial do outro no cotidiano escolar? Essas narrativas contribuem para que essas professoras compreendam a importância de discutir sobre raça em sala de aula, na perspectiva do Letramento Racial Crítico? Para responder a essas duas perguntas, iniciamos a discussão com uma revisão teórica sobre o tema e, em seguida, apresentamos algumas reflexões a partir da análise de narrativas autobiográficas de três professoras do Ensino Fundamental I, da rede municipal da cidade de Ponta Grossa. Para tanto, consideramos autores como: Ferreira (2015), Uwe (2009), entre outros. A partir dessa análise, os resultados obtidos nas narrativas autobiográficas das professoras apontam que é possível encontrar em sala de aula atitudes e discursos racistas, no entanto, nem sempre perceptíveis pelo/a professor/a. Nesse sentido, as narrativas autobiográficas contribuem para que o professor reflita sobre sua prática em sala de aula, a necessidade de discutir sobre raça e a importância da formação continuada a

* Graduada em Pedagogia (UEPG) Mestre em Estudos da Linguagem- Área de concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade (UEPG). E-mail: keilakdn@gmail.com

** Doutora – docente permanente do programa de Mestrado em Linguagem UEPG. E-mail: aparecidedejesusferreira@gmail.com

respeito das questões raciais, visto que a interação professor-aluno de forma reflexiva é uma das possibilidades de combate ao racismo.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas Autobiográficas; Formação de Professores; Letramento Racial Crítico; Infância.

ABSTRACT: This article is a part of the master's dissertation and aims to discuss the importance of teaching work in the (re) construction of children's racial identity, based on the use of pedagogical practices in a Critical Racial Literacy perspective. The research questions that we will answer are: Can the teachers understand, through the writing of autobiographical narratives, how children identify themselves racially and react to the other's racial identity in daily school life? Do these narratives help these teachers understand the importance of discussing race in the classroom from the perspective of Critical Racial Literacy? To answer these two questions, we start the discussion with a theoretical review about the topic and then present some reflections from the analysis of autobiographical narratives of three elementary school teachers from the municipal network of Ponta Grossa. Therefore, we consider authors such as: Ferreira (2015), Uwe (2009), among others. From this analysis, the results obtained in the teachers' autobiographical narratives indicate that it is possible to find racist attitudes and discourses in the classroom, however, not always noticeable by the teacher. In this sense, autobiographical narratives contribute for the teacher to reflect about his/hers classroom practice, the need to discuss about race and the importance of continuing education regarding racial issues, since the teacher-student interaction in a reflective way is one of the possibilities to fight racism.

KEYWORDS: Autobiographical Narratives; Teacher training; Critical Racial Literacy; Childhood

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultante das reflexões durante a geração de dados e da escrita da dissertação de Mestrado. Durante o período inicial de escrita, em 2017, a Secretaria de Educação da cidade de Ponta Grossa promoveu oficinas de formação sobre questões raciais, foram ministradas pela professora Dra. Aparecida de Jesus Ferreira, e tiveram como participantes professoras da rede municipal de ensino. O tema central do encontro com as professoras foram as possibilidades do uso de livros de literatura infantil para promover o Letramento Racial Crítico (LRC). Nesses encontros, a professora Dra. Aparecida apresentou o livro *As bonecas negras de Lara*, de sua autoria, e trouxe diversas possibilidades para discutir a respeito de raça, gênero, família, propostas de atividades, entre outros temas.

No decorrer dessas oficinas, as professoras relatavam sobre as experiências em sala de aula, a preocupação em aprender sobre o tema e a necessidade de práticas pedagógicas

facilitadoras a respeito das questões raciais. O interesse demonstrado pelas professoras em aprender como trabalhar em sala de aula na perspectiva do Letramento Racial Crítico nos motivou a buscar perceber quais eram as percepções que elas tinham sobre questões raciais em sala de aula e se conseguiam, de alguma forma, discutir sobre o tema com os alunos. Nesse sentido, nossa preocupação foi encontrar meios para gerar esses dados, de modo que as professoras participantes da pesquisa se sentissem confortáveis em relatar sobre sua trajetória acadêmica e profissional, e também sobre as experiências do cotidiano escolar.

Ao buscar um instrumento que nos possibilitasse gerar esses dados, optamos por analisar narrativas autobiográficas de professoras do Ensino Fundamental I da rede municipal da cidade de Ponta Grossa, um total de três professoras, previamente selecionadas, dando preferência para as que já realizavam trabalhos e projetos sobre questões raciais. Essa seleção prévia foi feita a partir de um grupo¹ disponível no Facebook sobre o livro *As bonecas negras de Lara*, o grupo foi criado pela professora Aparecida de Jesus Ferreira. Acompanhamos as postagens de várias professoras que mostravam as atividades desenvolvidas a partir do livro e, assim, entramos em contato com algumas para convidá-las a participar. Tivemos o aceite de duas professoras, e optamos por convidar mais uma que, embora não participasse desse grupo, tínhamos informações de seu trabalho sobre questões raciais.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

A justificativa de escolher as narrativas autobiográficas como instrumento para geração dos dados parte dos estudos realizados por Uwe (2009), que entende que “através da análise das narrativas, pode-se estudar tópicos e conceitos mais amplos”, nesse caso, nossa proposta era perceber nesses relatos se as professoras mencionariam a respeito de raça, racismo, identidade racial ou algo relacionado a esses termos (UWE, 2009, p. 31).

Para Clandinin; Connelly (2015, p. 48), a “narrativa é o melhor modo de representar e entender as experiências”. Nesse sentido, as professoras foram orientadas sobre a escrita da narrativa, de modo que apresentamos uma pergunta para nortear essa escrita: “Como você percebe sua prática em sala de aula para discutir sobre raça?” Além dessa pergunta norteadora da escrita da narrativa autobiográfica, ainda solicitamos que mencionassem sobre sua trajetória como professoras de crianças, abordando as seguintes informações:

- Como e por qual motivo você escolheu ser professora;
- Formação acadêmica;
- Há quanto tempo atua em sala de aula com o público infantil;

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/LivroAsBonecasNegrasDeLara/>

- Se viu ou vivenciou alguma experiência de racismo, formas de preconceito /discriminação dentro do espaço escolar. E, se sim, como isso ocorreu – esse item foi nosso foco principal, pois permitiria refletir sobre quais eram as experiências dessas professoras, se as questões raciais eram problematizadas em sala de aula, e se havia indícios de práticas voltadas ao Letramento Racial Crítico.

Embora as leituras de outras pesquisas apontassem que as crianças ainda pequenas podem apresentar comportamentos e atitudes discriminatórias para com seus colegas negros da turma, era possível que esses acontecimentos não fossem percebidos pelas professoras, conforme afirma Cavalleiro (1998), “os educadores não perceberam o conflito que se delineava. Talvez por não saberem lidar com tal problema preferiram o silêncio” (CAVALLEIRO, 1998, p.11).

Outra pesquisa que relata o comportamento infantil no que se refere às questões raciais é mencionada por Dias e Bento (2012), a partir de um relato de experiência de uma professora em uma entrevista que conta que estava dando banho em um aluno negro, de dois anos, e outro aluno branco, de quatro anos, a observava. O menino branco, ao ser questionado porque olhava tanto o menino negro, questiona a professora o porquê de ele ser negro. Nesse diálogo, o aluno branco inclusive questiona se “arrancasse o courinho dele nasceria branco?” (DIAS; BENTO, 2012, p. 4).

A fala desse menino branco demonstra como o fato do outro ser negro desperta a sua curiosidade, e, portanto, é fundamental que o professor tenha entendimento de que esse comentário da criança necessita de esclarecimento para que ela possa refletir de maneira positiva sobre sua identidade racial e a do outro. Nessa perspectiva, destacamos principalmente a relevância da atuação do professor ao permitir que essas questões sejam discutidas em sala de aula não apenas quando os fatos acontecem, mas de forma contínua, para que as crianças percebam que a diversidade está presente em todos os espaços. Desse modo, entendemos que o Letramento Racial Crítico, por ser voltado aos estudos sobre questões raciais e suas influências, possibilita que identidade racial negra e também a identidade racial branca sejam mobilizadas a refletir sobre raça, conforme afirma Ferreira (2015):

[...] temos que mobilizar todas as identidades, ou seja, a identidade racial branca e a identidade racial negra para refletir sobre raça, racismo e possíveis formas de letramento racial crítico no contexto escolar em todas as disciplinas do currículo escolar. (FERREIRA, 2015, p. 36).

Nesse sentido, o relato das professoras nas narrativas autobiográficas possibilitaria que pudéssemos perceber se havia indícios de busca pelo ensino com base no Letramento Racial Crítico, que tem por finalidade oportunizar discussões e reflexões acerca de identidade(s) raciais, o que contribui significativamente para o (re)conhecimento racial de maneira consciente, pois, como afirma Dambros “é necessário pensar num cidadão completo”, uma vez que se pretende, na condição de professor, auxiliar na formação dos alunos. (DAMBROS, 2016, p. 35).

Pode parecer, em um primeiro momento, que fazer uso do Letramento Racial Crítico em sala de aula com crianças pequenas seja algo complexo, mas conforme mencionamos anteriormente, pesquisas como a de Cavalleiro (1998), Dias e Bento (2012), entre outras, apontam que crianças pequenas apresentam necessidade de dialogar sobre raça, e nesse sentido, entendemos que esse diálogo está para além de falar de racismo, de escravidão. É muito mais que isso. É necessário que as crianças negras se vejam representadas positivamente, para que se sintam participantes ativos no espaço escolar, social, do universo literário, da mídia, entre outros espaços.

Nesse sentido, ressaltamos a importância do Letramento Racial Crítico, que leva a criança a refletir e perceber que há personagens negros como protagonistas de suas histórias infantis, dos desenhos animados, nos programas de televisão, nos filmes, nas propagandas, nos livros didáticos, de modo que a criança negra, ao ser questionada sobre qual é seu personagem preferido, tenha a possibilidade de mencionar um personagem negro ou negra, que se pareça com ela. Desse modo, o Letramento Racial Crítico possibilita que as discussões sejam realizadas mesmo antes da alfabetização, uma vez que o professor compreende que oportunizar discussões sobre raça não se limita à aquisição do código escrito. Um instrumento que pode ser utilizado pelo professor para promover o Letramento Racial Crítico é o livro de literatura infantil, que possibilita ao professor realizar diversas atividades com as crianças, como contar a história das personagens, fazer com que as crianças percebam e reflitam sobre as questões raciais de maneira lúdica, propor a criação de um autorretrato, em que cada criança tenha a liberdade de colocar no papel como ela se vê: tom de pele, cabelo, cor dos olhos, entre tantas outras possibilidades.

A partir dessa breve reflexão sobre a importância do uso do Letramento Racial Crítico em sala de aula, apresentaremos a seguir alguns trechos das narrativas que analisamos. Optamos por utilizar nomes fictícios para as professoras participantes da pesquisa e para as escolas, a fim de manter sigilo no que se refere à identidade de cada uma.

A primeira narrativa é da professora Cecília, ela é graduada em Letras e História, e com Pós-graduação em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia, atua como professora de crianças na rede municipal há mais de 20 anos e relatou que busca desenvolver um trabalho que contemple o tema das questões étnico-raciais:

Extrato 1	Desde muito cedo já sabia que seria professora, entre os motivos principais está o fascínio em trabalhar com a alfabetização e letramento de crianças.[...] Meus alunos são pequenos com idade de 5 a 6 anos e já chegam a escola com influências das instituições em que participam (família, igreja...). Sendo assim, alguns alunos demonstram atos racistas em virtude dessas influências. Já presenciei várias formas de preconceito na escola como: apelidos pejorativos, principalmente em relação ao cabelo enrolado, xingamentos devido a cor de pele. Todos esses atos foram problematizados, sem punições sem sentido, mas com reflexões entre os envolvidos somado ao trabalho do tema da cultura afro brasileira. (dando ênfase a literatura infantil). (Professora Cecília- Escola Dandara 11-06-2018).
-----------	--

Observamos que há na narrativa da professora Cecília, no extrato 1, proximidade com as pesquisas de Cavalleiro (1998) e Dias e Bento (2012), citadas anteriormente, e que nos auxiliam a perceber que o racismo pode acontecer com crianças desde a Educação Infantil. Diante disso, é necessário que o professor tenha essa compreensão, conforme afirma a professora Cecília, de problematizar com “reflexões”. A professora Cecília menciona o uso da literatura infantil como uma possibilidade de desenvolver essas discussões, conforme menciona Luz (2018) “após a promulgação da Lei n.º 10.639/2003, a literatura se abriu para um processo de reformulação buscando distanciar-se da visão do negro como objeto ou como produto estereotipado”, e isso certamente tem contribuído para uma melhor discussão sobre questões raciais em sala de aula, principalmente com crianças, considerando que livros de literatura infantil atraem a atenção dos pequenos. (LUZ, 2018, p. 52-53).

A próxima narrativa é da professora Francisca, da Escola Carolina de Jesus, ela é graduada em Letras Português/Francês, em Pedagogia e com formação em Magistério. cursou também Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira e Pós-graduação em História, Cultura e Artes. Atua como docente na rede municipal de Ponta Grossa – PR há sete anos. A professora Francisca mostrou vários livros de personagens negros, que ela adquiriu nas feiras anuais que são organizadas pela Secretaria de Educação do município e que sempre utiliza em sala de aula. Relatou também sobre os cursos de formação de professores que participou, voltados ao ensino das questões raciais. Ressalta-se que a participação foi por interesse pessoal, e não promovida pela escola. A seguir temos o extrato 2, da professora Francisca, no qual ela relata um pouco de sua trajetória acadêmica e profissional e sobre sua atuação em sala de aula no que se refere ao ensino sobre raça:

Extrato 2	Eu escolhi ser professora após cursar Formação de Docentes (antigo magistério), no colégio estadual Instituto de Educação. Sou formada em Letras/Francês, pela UEPG, e recentemente concluí o curso de Pedagogia, pela UNICESUMAR, sou especialista em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, pela UNINTER, e estou concluindo a pós em História, Cultura e Artes pela UEPG. Atuo como professora há 7 anos. Eu nunca vivenciei um ato de preconceito ou discriminação dentro do espaço escolar, mas como trabalho muito com o tema, sempre que eu inicio o assunto sobre o racismo as crianças percebem que já foram vítimas e relatam os fatos. (Professora Francisca- 19-06-2018).
-----------	--

Na narrativa autobiográfica da professora Francisca, encontramos dois fatos que de certa forma nos surpreendem. O primeiro é a professora relatar que atua como professora há 7 anos e nunca vivenciou um ato de preconceito ou discriminação dentro do espaço escolar. O segundo fato vem logo em seguida, quando a professora afirma que “como trabalho muito com o tema, sempre que eu inicio o assunto sobre o racismo as crianças percebem que já foram vítimas e relatam os fatos”. Apesar da professora Francisca não mencionar detalhadamente se essas experiências de preconceito, discriminação e racismo que as crianças relatam ocorreram no espaço escolar, podemos refletir, em um primeiro momento, sobre duas hipóteses: a

primeira (pouco provável) é que esses fatos não aconteceram na escola; a segunda (a mais provável) é que essas crianças só perceberam que foram vítimas de racismo a partir da discussão trazida pela professora Francisca sobre o assunto, e isso nos mostra a importância dessas discussões serem realizadas em sala de aula.

A terceira narrativa autobiográfica é da professora Bia (Extrato 3), graduada em Serviço Social, concluiu magistério (nível médio), e atua há 15 anos como professora da rede municipal na cidade de Ponta Grossa.

Extrato 3	No primeiro momento eu escolhi ser professora por gostar de crianças, por desejar um mundo melhor aos nossos filhos, pois acredito que a Educação é o único bem que podemos deixar aos nossos filhos, para que sintamos orgulho deles e de suas ações futuras. Tenho curso de Magistério e sou graduada em Serviço Social pela UEPG. Atuo em sala de aula há 15 anos como professora municipal na mesma escola a que estou lotada. Já presenciei fatos de racismo e preconceito que acontecia com alunos em suas famílias, os quais interferiam no desenvolvimento escolar do aluno, deixando-o apático e tímido frente a classe, mas aos poucos a criança foi se socializando com as outras, não acarretando em problemas educacionais. Nós não podemos interferir na vida familiar dos alunos, mas podemos tornar o nosso ambiente escolar propício para o desenvolvimento das habilidades e potencialidades dos alunos. Respaldaado nos valores atitudinais, aliados aos demais conteúdos. (Professora Bia - Escola Conceição Evaristo 08-06-2018).
-----------	--

A professora Bia, assim como a professora Cecília, destaca já ter presenciado racismo em sala de aula entre as crianças. Ademais, se aproxima da narrativa da professora Francisca, pois a professora Bia afirma ter presenciado “fatos de racismo e preconceito que acontecia com alunos em suas famílias”, e em nenhum momento afirma que isso ocorreu na sala de aula ou no espaço escolar. Isso demonstra que nem sempre é perceptível aos olhos do professor atos de racismo, de preconceito ou de discriminação, ou pode ser que haja receio, por parte do professor, em admitir que esses fatos acontecem. Devido a isso, ressaltamos a importância da formação continuada dos professores para que possam discutir com propriedade sobre o tema em sala de aula.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as narrativas autobiográficas das professoras participantes da pesquisa, percebemos que há necessidade de discutir sobre a temática das questões raciais em sala de aula. Conforme observamos, nem sempre a discriminação, o preconceito e o racismo são perceptíveis pelo professor e, por isso, torna-se fundamental a formação continuada, possibilitando que as professoras tenham conhecimento sobre raça, letramento racial, letramento racial crítico e, assim, reflitam sobre suas práticas em sala de aula. Ouvir o que as crianças têm a dizer é outro ponto fundamental quando discutimos sobre raça na perspectiva do Letramento Racial Crítico. Nesse sentido, concordamos com Dias (2015, p. 593), ao afirmar que “a infância

é um tempo social”. Diante disso, faz-se necessário que nesse “tempo” as crianças tenham oportunidades de se (re)conhecer racialmente e de maneira positiva, e portanto, o Letramento Racial Crítico torna-se uma possibilidade para esse aprendizado.

Para Santiago (2015, p. 97), é muito importante que o/a professor/a perceba seus alunos a partir de suas linguagens infantis. No espaço escolar tudo precisa ser considerado, até “os choros, as mordidas, as risadas, as palavras infantis nos fornecem elementos para pensarmos as ações docentes”, para que assim possamos analisar e (re)construir nossa prática pedagógica, sendo essa uma das principais estratégias de combate ao racismo.

No que se refere ao limite dessa análise, lembramos que se trata apenas de um recorte da pesquisa que realizamos, ainda há muitas outras questões relevantes no que diz respeito aos dados da pesquisa. Mesmo assim, esse recorte é relevante e nos permite responder a primeira pergunta norteadora desse artigo, que é: As narrativas autobiográficas contribuem para a percepção de professores/as sobre como as crianças se identificam racialmente e reagem à identidade racial do outro no cotidiano escolar? Acreditamos que sim. No caso das professoras que escreveram as narrativas autobiográficas que analisamos aqui, encontramos dois relatos em que elas perceberam no cotidiano escolar que algumas crianças apresentam atitudes que demonstram racismo. Apenas uma professora menciona “nunca ter percebido”, no entanto, ao iniciar o assunto “sobre racismo”, ela relata que as crianças “percebiam que já foram vítimas e relatam os fatos”. Em ambos os casos, a narrativa autobiográfica possibilitou a reflexão das professoras sobre como as crianças (re)conhecem sua identidade racial e a do outro.

A segunda pergunta de pesquisa que norteou a escrita desse texto foi: Essas narrativas contribuíram para que as professoras compreendessem a importância de discutir sobre raça em sala de aula, na perspectiva do Letramento Racial Crítico? As reflexões apresentadas nas narrativas escritas pelas professoras, embora não mencionem a respeito do termo “Letramento Racial Crítico”, evidenciam que há preocupação em discutir sobre raça em sala de aula.

Ao analisarmos as narrativas das três professoras envolvidas na pesquisa, embora elas não cite de maneira direta a respeito do LRC, possivelmente por não terem domínio ainda sobre o assunto, consideramos que há indícios de que elas realizam discussões e práticas nessa perspectiva em sala, pelo fato de buscarem refletir sobre raça com as crianças de maneira crítica e ouvi-las.

Assim, concluímos que as narrativas autobiográficas das professoras foram um instrumento fundamental para geração de dados, possibilitando que pudéssemos ter um melhor entendimento de quais eram as percepções que as professoras apresentam sobre a identidade racial de seus alunos, como elas lidam com isso e suas experiências em sala de aula ao discutir sobre raça. Destacamos também que as narrativas autobiográficas permitem que haja uma reflexão sobre a própria prática, o que certamente é positivo, pois é assim que nós, enquanto professores, temos a possibilidade de perceber nossos limites e avanços, e assim, (re)construir nossa prática na busca de uma educação na perspectiva do Letramento Racial Crítico.

4. REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, E. dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação Infantil.** Dissertação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1998.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.** rev. Tradução do GPNEP: Grupo de pesquisa narrativa e educação de professores, ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

DAMBROS, L. P. **Construção das identidades sociais de raça com intersecção de classe nos livros didáticos de inglês do ensino médio aprovados pelo PNLDS de 2012 e 2015.** Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

DIAS, L. R. Considerações para uma educação que promova a igualdade étnico-racial das crianças nas creches e pré-escolas. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 597-614, 2015.

DIAS, L. R.; BENTO, M. A. da S. Educação Infantil e relações raciais: conquistas e desafios. *In*: LOPES, Daniel Henrique (Org.). **Desigualdades e Preconceitos: reflexões sobre relações Étnico-Raciais e de Gênero na Contemporaneidade.** Editora UFMS, 2012, p. 71-91.

FERREIRA, A. de J. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas.** Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

LUZ, M. A. P. de C. **Representações dos personagens negros e negras na literatura infantil brasileira.** Tese. (Doutorado em Educação) Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2018.

SANTIAGO, F. Culturas infantis e educação das relações étnico-raciais: desarticulando as amarras do colonialismo. *In*: GEPEDISC – Linhas Culturais. **Infâncias e movimentos sociais.** Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015.

UWE, F. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Recebido para publicação em 5 de Janeiro de 2020.

Aceito para publicação em 13 de Março de 2020.